



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – CCE
ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGEM E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

ANA CAROLINA HAUPENTHAL

OS CAMINHOS DA ROMARIA EM CAMPOS NOVOS – SC
RESGATE HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DA ROMARIA CAMPONOVENSE

FLORIANÓPOLIS

2019

ANA CAROLINA HAUPENTHAL

OS CAMINHOS DA ROMARIA EM CAMPOS NOVOS – SC
RESGATE HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DA ROMARIA CAMPONOVENSE

Trabalho Conclusão do Curso de Especialização em Linguagens e Educação a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina, polo de Treze Tílias, como requisito para a obtenção do Especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Orientadoras: Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos e
Coorientadora: Dra. Claudia Renata Duarte
Tutora: Patrícia Leonor Martins

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Haupenthal, Ana Carolina

Os caminhos da Romaria em Campos Novos (SC) : RESGATE
HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DA ROMARIA CAMPONOVENSE,
coorientador, Claudia Renata Duarte, 2019.

60 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de
ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGEM E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Romaria, Campos Novos (SC), Memória Coletiva, Blog. I.
Ramos, Tânia Regina Oliveira. II. Duarte, Claudia Renata.
III. Universidade Federal de Santa Catarina.
ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGEM E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. IV.
Título.

Ana Carolina Haupenthal

**OS CAMINHOS DA ROMARIA EM CAMPOS NOVOS – SC : RESGATE HISTÓRICO
DA CONSTRUÇÃO DA ROMARIA CAMPONOVENSE**

O presente trabalho em nível de especialização (*lato sensu*) foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

M.a Marina Siqueira Drey

Universidade Federal de Santa Catarina

M.a Profa. M.^a Roberta de Fátima Martins

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Prof. Dr. Celdon Fritzen
Coordenador do Programa

Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos
Orientadora

Florianópolis, 10 de setembro de 2019.

Dedico inicialmente este trabalho às minhas colegas de Graduação e Especialização, Bruna Camila Trombini Schneider e Suelen Benck e, também, a uma colega que fiz na Especialização e se tornou companheira de jornada, Janaine Lucia Silva, sempre foram alento e suporte nos momentos de angústia e sufoco acadêmicos, assim como quero dedicar ao meu marido Daniel Della Libera e sua mãe Jucélia Buffon Della Libera por todo o suporte emocional que dispuseram a mim. Aqui, registro também, todo o aporte recebido através de minha mãe, Nair Vasum, a pessoa que sempre me incentivou a estudar e batalhar por mais conhecimento. Por fim, e não menos importantes, quero agradecer a todos que de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, contribuíram para realização deste trabalho.

RESUMO

RESUMO: Este trabalho tem em sua proposta analisar os fatos e relatos acerca da história da construção do Santuário de Nossa Senhora Aparecida em função da Romaria Camponovense na cidade de Campos Novos (SC). Para a referida pesquisa apoio-me em diversos autores cujos assuntos conversam sobre o instigante percurso de peregrinação e memória fotográfica. Por meio do uso das narrativas orais e da fotografia, tem-se a intenção de registrar essa tradição histórica mediante a colaboração de pessoas diretamente envolvidas nessa trajetória para conservar a beleza da memória linguística e imagética, bem como, salvaguardar repositórios digitais onde já se encontram fragmentos desse festejo e, também, propõe a criação de um blog (<https://os-caminhos-da-romaria-em-campos-novos-sc.webnode.com>) para a reunião e a preservação da memória coletiva deste representativo evento da cultura popular local.

PALAVRAS-CHAVE: Romaria. Campos Novos (SC). Imagens. Blog. Memória coletiva.

RESUMEN: Este trabajo tiene en su proposición el análisis de los hechos e informes acerca de la historia de la construcción del Santuário de Nossa Senhora Aparecida en función de la Romaria Camponovense en la ciudad de Campos Novos (SC). Para dicha investigación pude apoyarme en diversos autores cuyos asuntos hablan sobre el fascinante camino de peregrinaje y memoria fotográfica. Por medio del uso de las narrativas orales y de la fotografía, se tiene la intención de registrar esa tradición histórica bajo la colaboración de personas directamente implicadas en esa trayectoria para conservar la belleza de la memoria lingüística y figurada, así como, salvaguardar repositorios digitales donde ya se encuentran fragmentos de ese festejo y, también, propone la creación de un blog (<https://os-caminhos-da-romaria-em-campos-novos-sc.webnode.com>) para la reunión y la preservación de la memoria colectiva de este representativo evento de la cultura popular local.

PALABRAS CLAVE: Peregrinaje. Campos Novos (SC). Imágenes. Blog. Memoria colectiva.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SC SANTA CATARINA

TF TRABALHO FINAL

ASCOM ASSESSORIA EM COMUNICAÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE
CAMPOS NOVOS

SUMÁRIO

1	COMO E ONDE TUDO COMEÇOU	09
2	DISCUSSÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA	14
2.1	MEMÓRIA E HISTÓRIA	14
2.2	A IMAGEM FOTOGRÁFICA	14
2.3	A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO	15
2.4	A FESTA PARA RITMAR O TEMPO	16
2.5	PEREGRINAR: UMA VIAGEM DE DEVOÇÃO	17
3	O SANTUÁRIO ESTADUAL DE NOSSA SENHORA APARECIDA DE CAMPOS NOVOS	18
3.1	NOSSA SENHORA APARECIDA - PADROEIRA DO BRASIL	18
3.2	A ROMARIA EM CAMPOS NOVOS: OS PASSOS DE UMA GRANDE CAMINHADA (DE MÃOS DADAS PARA UM GRANDE OBJETIVO).....	21
3.3	A CONSTRUÇÃO DO SANTUÁRIO	22
3.4	LEMBRANÇAS DE SR. ANTÔNIO AGOSTINI E A DONA MARIA AGOSTINI SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA CAMPONOVENSE.....	25
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32
	APÊNDICES	34
	ANEXOS	42

1 - COMO E ONDE TUDO COMEÇOU:

Durante muito tempo da minha vida, vi a devoção de minha avó paterna e de minha mãe a respeito da padroeira do Brasil, segundo a fé católica apostólica romana: Nossa Senhora Aparecida. Não entendia muito o porquê de tamanha devoção, mas compreendia que havia muitos motivos, principalmente porque os registros históricos e a tradição oral mostravam que ela operou inúmeros milagres.

É instigante como os fatos vão surgindo pelo caminho das pessoas, como o destino, por assim dizer, trabalha para que, no fim, tudo nos leve a crer que houve sim intervenção divina. No meu caso não foi diferente, parece que tudo foi se encaixando e no início de um ciclo novo, aos primeiros dias dos meus 26 anos, vestindo como uma “luva” (ou seria um manto?) surgiu uma descoberta reveladora.

Partindo de minha memória dos fatos familiares, lembro que meu pai nasceu no dia 12 de outubro de 1969. Seu nome era para ser Aparecido, mas no fim acabou recebendo o nome de Luís Carlos devido a outros dois Santos, São Luís Gonzaga e São Carlos Borromeu. Sua mãe, minha avó, sempre falava e fala até hoje de Nossa Senhora Aparecida com muita fé e devoção, explicando que todas as santas são batizadas com os nomes de quem estava aqui na terra operando milagres, que todas elas são denominadas Nossa Senhora, todas são mães do Menino Jesus. Minha avó sempre demonstrou vontade de conhecer o Santuário em Aparecida do Norte, São Paulo, e esse desejo dela despertou em mim, também, o intuito de conhecê-lo. Quero um dia poder levá-la até lá.

Da mesma forma há recordações por parte de minha mãe que sempre foi devota: suas imagens de Nossa Senhora Aparecida, colar, brinco, anel, chaveiro e vários outros objetos referentes à santa. Nunca havia perguntado a ela sobre o motivo de tal crença, porém sempre a respeitei.

Minha família, desde que eu tenho recordação, foi muito religiosa. Minha avó quis ir para o convento e não pôde, virou ministrada igreja católica, seu irmão era padre, eu mesma já fui catequista. Em muitos momentos a fé desanda e por várias vezes fui cética em relação aos temas religiosos. A vida nos põe à prova em todos os instantes e, neste momento da escrita deste trabalho, ela me coloca novamente. Alguns podem continuar no ceticismo, outros vão gostar desse trabalho e dos relatos mencionados. Cada um estará em seu direito de acreditar ou não nos fatos.

A família do meu pai é católica, já a família da minha mãe é luterana. A história que vou contar agora contém a mistura das duas. Os fatos que serão relatados foram descobertos para a produção deste Trabalho.

No luteranismo não se acredita em santos, imagens e pinturas, porém a minha avó materna, segundo minha mãe, sempre acreditou e incentivou seus filhos a acreditar na mãezinha do céu, mãe de Jesus, e na proteção de seu manto. Ela tinha uma imagem da santa em sua casa que minha mãe guarda até hoje. Essa imagem possui cerca de 60 anos.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Minha avó (Nelcinda Eva Vasum) e minha prima (Andressa Bruna Vasum).
Arquivo pessoal.

Através deste devotamento, eu sou por elas considerada como um milagre de Nossa Senhora Aparecida. A minha mãe teve uma gestação de risco e pedia a proteção para que eu nascesse bem e com saúde, para que Nossa Senhora protegesse sua barriga com o manto sagrado, sendo que isso ocorreu por intermédio de sua fé. A primeira oração que aprendi foi a canção “mãezinha do céu”¹.

A história de minha avó paterna, dona Beatriz Ana Hauptenthal, seguiu na mesma direção. Ela acredita que houve a intercessão de Nossa Senhora de Lourdes mediante a devoção de minha bisavó, Ana Cristina Dalla Vecchia, para o seu nascimento. A dona Ana Cristina não sabia de sua gestação, aos três meses teve uma forte hemorragia, naquela época (mais de 70 anos atrás) não se tinha a medicina avançada da forma como temos hoje, e ela agarrou-se ao que pôde e ao que tinha: um chá de camomila e o pedido de proteção à sua

¹O trecho da música do padre Marcelo Rossi “Mãezinha do céu, eu não sei rezar/ Eu só sei dizer, eu quero te amar /Azul é seu manto, branco é seu véu/ Mãezinha eu quero te ver lá no céu /Mãezinha eu quero te ver lá no céu.” Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/padre-marcelo-rossi/249952/>>. Acesso em: 05 agosto 2019.

santa de devoção.

Em pouco tempo o sangramento cessou, porém a dúvida sempre persistia, estaria grávida ou não? Então minha bisavó pedia para a mãe de Jesus mostrar em sonho se estava esperando ou não uma criança. Alguns dias depois teve um sonho, e nele apareceu uma mulher que dizia se chamar Imaculada Conceição. Havia também um lindo jardim florido e uma menininha loura no meio das flores. Seis meses depois minha avó nasceu. Quando ela tinha entre um e dois anos se parecia muito com aquela vista em sonho por sua mãe.

Diante disso tudo, desse emaranhado de recordações, surgiu um mar de emoções em frações de segundo pela minha cabeça, e começou a me vir à “luz” o real motivo da escolha deste tema. Desse modo, por meio da questão da fé familiar, e por conhecer a irradiação da religião nas famílias e na cultura da região onde nasci e habito, decidi empreender um trabalho de pesquisa que tem como objetivo investigar e apresentar um resgate histórico da construção da Romaria na cidade de Campos Novos (SC) – considerada a maior Romaria do sul do país. A observação deste fenômeno religioso de grande significação para esta localidade, que não tem sua memória preservada, me fez ver a importância de uma pesquisa que pudesse recuperar sua história, tendo em vista que o material divulgado nos diferentes suportes narrativos encontrados, até o presente momento, constitui-se apenas de fragmentos deste grandioso evento que movimentava a cidade todos os dias 12 de outubro, desde 1978.

No entanto, não há nenhum repositório que faça a junção do material que conta essa história, principalmente via internet, bem como, há pouquíssimas fontes datadas. Devido a essa ausência, pretendo realizar esse levantamento para que esse registro colabore para conservar a memória coletiva já construída ao longo desses 41 anos de peregrinação (Anexos A e Apêndices A e B).

Peregrinei pelos caminhos virtuais. Busquei por notícias impressas, imagens, relatos e vídeos e constatei que o registro da Romaria de Campos Novos, que é relativamente recente, apresenta uma grande lacuna. Nesse sentido, o entusiasmo ao encontrar o registro fotográfico da primeira edição de 1978, quase se transformou em desespero ao constatar a falta de traços do evento entre os anos 1979 a 2009, em contraposição ao grande número de registros de 2010 a 2018 (Anexo F).

Ao mesmo tempo, esse vácuo funcionou como gatilho. Ele era indicativo da necessidade de manter a história da mais expressiva manifestação coletiva de Campos Novos. Desse modo, percebi a importância de buscar e alocar em um único lugar (blog), de fácil acesso, informações desde a construção da primeira igreja para a Romaria até os dias atuais, como forma de recuperação e preservação de uma memória. A ideia de criar um blog para

salvaguardar esta memória e tentar em parte reconstruir esse passado mostrou-se cada vez mais interessante para mim, à medida que passei a conhecer melhor o tema.

Essa ausência de registros precisa ser preenchida. Mas como realizar o levantamento de dados de um período tão longo? Seria necessário alimentar o blog com depoimentos e imagens de acervos particulares, álbuns de família e também, um outro tipo de documento muito importante, as narrativas orais. Mas, o curto tempo de realização da pesquisa para uma tarefa de tal fôlego, levou-me a pensar na estratégia de criar um blog aberto, livre e colaborativo a ser alimentado aos poucos por todos aqueles que se interessassem em narrar suas histórias particulares de devoção ou participação da Romaria.

O blog publicado no endereço: <https://os-caminhos-da-romaria-em-campos-novos-sc.webnode.com> contém quatro seções: o *início*, que narra brevemente a história de Nossa Senhora Aparecida e a introdução do evento em Campos Novos; *sobre a Romaria*, composto de 4 postagens dando conta da construção do Santuário, apresentando o idealizador da obra, Padre João Granzotto, bem como as outras duas santas que acompanham Nossa Senhora Aparecida no altar: Santa Terezinha e Santa Júlia Billiard; a terceira seção funcionará como Repositório de vídeos e fotografias do Santuário e da Romaria, mostrando sua estrutura e a passagem do tempo por meio de imagens; a quarta parte foi pensada como *espaço para as narrativas dos devotos*, espaço aberto a todos que desejarem compartilhar histórias de devoção e participação da festa, contribuindo para preservação da memória popular acerca da comemoração religiosa em honra a Nossa Senhora Aparecida. O blog publicará imagens de arquivo pessoal e de websites (estas com seus respectivos links de origem).

2 - DISCUSSÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

2.1 - MEMÓRIA E HISTÓRIA

Quando se fala em resgate histórico como recuperação da memória, não se deve esquecer da noção de construção como um caminho aberto para uma reflexão(BOSI, 2003, p.55).

Esta pesquisa se justifica pelo trabalho sobre a linguagem que ela realiza ao buscar o registro e a conservação das falas, das memórias, dos gestos, dos ritmos, das imagens, das linguagens que materializam os dados coletivos - dados que constituem a própria Romaria.

Mas as lembranças que consistemna matéria da memória, não são dados que preexistem à busca daquele(a) que lembra. Se o ato de lembrar é uma busca no tempo, é a procura de um caminho narrativo que almeja trazer à luz um fato, ele é ao mesmo tempo, uma montagem, uma colagem de peças.

Para montar uma narrativa, dirigindo-se voluntariamente ao acontecimento passado, o sujeito, individual ou coletivo, realiza um trabalho de construção. Nesse sentido, a memória funciona como matéria da história, não apenas um conjunto de lembranças gratuitas e aleatórias. As lembranças são evocadas sempre mediante uma intenção, consciente ou não, de um sujeito que constrói uma determinada imagem do passado.

O pesquisador tem consciência que o ato de buscar, de incentivar a memória tem umaintenção política, pois eleinscreve-se num engajamento pela democratização do patrimônio material e imaterial ao contribuir para sua guarda, conservação e circulação.

2.2 - A IMAGEM FOTOGRÁFICA

A imagem fotográfica é, como sustenta Roland Barthes, um "certificado de presença", ela é, também, uma reconfiguração singular do real dotada de um forte poder de ficcionalização(BARTHES, 1984, p.129).

As categorias de *studium* e *punctum*, propostas por Roland Barthes, em sua obra Câmara Clara, fornecem ferramentas para analisar o modo como uma imagem foi produzida e, especialmente,o "impacto" que ela provoca no seu leitor.

Quando uma fotografia contém apenas o *studium* ela apresenta apenas um sentido, não há discordância de significados. Recebemos estas imagens, mas elas não nos afetam, apenas

identificamos as intenções do fotógrafo, gostando ou não das mesmas. Pelo *studium* pode-se então compreender o fotógrafo e dar ao seu registro uma função, que pode ser: informar, representar, surpreender, fazer significar (BARTHES, 1984, p. 48).

Enquanto *ostudium* é algo codificado, *opunctum* é algo que nos instiga a descobrir a imagem, é aquilo que fica da imagem quando dela nos lembramos. Sem esse algo que afeta, a imagem seria apenas um *studium* não muito memorável.

Outra característica do *punctum* é nos fazer sair da imagem e deixar a mente vagar. Ele é "um detalhe" que causa emoção no espectador, que atrai sua atenção, independentemente da intenção do fotógrafo (BARTHES, 1984, p. 69).

Em uma Romaria as imagens podem captar o impalpável, a emoção do peregrino, mas também os olhos fechados em meditação, os pés descalços em penitência, a multidão em procissão, a réplica da imagem de Nossa Senhora Aparecida conduzida por um caminhão de bombeiros. Pelo *studium* pode-se observar os fatos intencionalmente registrados, eles são testemunhos do evento. Mas nada impede que algum leitor desse TF ou navegante do blog sintasse despertado pela potência - *punctum* - de algum traço contido numa imagem.

2.3 - A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO

Nesta seção, utilizarei o trabalho de Mauro Alves Pires (2013) e também o de Rosângela Silva Oliveira e Bittencout Júnior (2011) sobre o uso da fotografia como fonte de pesquisa histórica.

Esses autores observam que as imagens não são apenas complementos para documentos escritos. Atualmente, valoriza-se a carga mnêmica e valor histórico da fotografia, por mais que ela seja "um recorte de um momento" e através do olhar do fotógrafo. Isto é, "Procuramos encarar a obra de arte e a fotografia como documentos, ricos em informações e amplos em significados, que podem nos colocar em contato com um instantâneo ou com um momento, de um personagem ou de uma época" (PIRES, 2013, p. 02).

O que é corroborado por Oliveira e Bittencout Júnior (2011, p. 01):

Entre as fontes historiográficas existentes há um consenso de que os registros fotográficos revelam-se de pertinaz importância por permitirem a observação cuidadosa das rupturas e continuidades nos ambientes urbanos, sociais e culturais em épocas distintas tornando possível compreender estes processos pelas informações que o material fotográfico fornece.

Por sua vez, na obra *Fotografia e história: ensaio bibliográfico*, os autores investigam inúmeras imagens que compõem um resgate de “[...] memória, passado, história, testemunho, realidade sensível, representação visual [...]” (CARVALHO ET AL, 1994, p. 254) como forma de resgate numa perspectiva histórica.

Os termos *memória visual* e *memória fotográfica* são utilizados de forma a justificar a divulgação de acervos institucionais e privados, e, via de regra, a eles é atribuído o poder de reconstituição da história. Neste caso, o termo *memória* é entendido como equivalente a um conjunto de documentos, tendo, assim, uma materialidade. Este binômio memória/reconstituição histórica, tal como vem sendo formulado no que se refere à documentação fotográfica, desconsidera os sentidos presentes nas mediações, seja dos proautores primeiros das imagens (fotógrafo, editor, arranjador, etc), seja de seus consumidores, ou ainda daqueles que retomaram esta documentação para lançar, a seu modo, uma coletânea de documentos fotográficos. (CARVALHO ET AL, 1994, p. 257).

Sendo assim, utilizarei os registros fotográficos relativos à Romaria Camponovense com o intuito de promover a preservação do material existente e a conservação da memória do município.

Portanto, é através das fontes imagéticas e também das vozes mais antigas da cidade, que se pretende reconstruir os passos dados para que se pudesse chegar até aqui com a importante dimensão que possui a Romaria para a cidade de Campos Novos – SC.

2.4 - A FESTA PARA RITMAR O TEMPO

As festas, por seu retorno pontual, representam uma maneira de marcar ciclos no seio de uma comunidade. Aquelas que se baseiam no calendário, como é o caso da Romaria de Nossa Senhora Aparecida, têm local e momento preciso para acontecer: 12 de outubro.

Os preparativos para que a cidade de Campos Novos acolha os peregrinos vindos de todas as regiões de Santa Catarina, mas também de outros estados, em especial do Paraná e do Rio Grande do Sul, mobilizando um grande número de pessoas, provocam uma ruptura com a vida cotidiana, dando a ela um novo ritmo.

Uma primeira função dos festejos é favorecer a coesão do corpo social. Simbolicamente, a festa reforça o sentimento de pertencimento a um grupo e têm um papel fundamental na conservação de memórias transmitidas de geração a geração. No caso específico das festas religiosas, elas renovam periodicamente as crenças e os mitos fundadores do grupo, permitindo assim ligar o presente ao passado e inscrever os membros da

comunidade na história. Outro aspecto essencial é que a festa reproduz em seus rituais as hierarquias de um poder religioso se a festa é sagrada ou político, se ela é profana, fundamentada em interesses da economia da cidade ou patrocinada por iniciativas públicas ou privadas.

Apesar de ser uma festa religiosa, a Romaria de Nossa Senhora Aparecida apresenta um aspecto híbrido. Pode-se dizer que o sagrado e profano andam de mãos dadas, pois seus festejos ocupam o espaço público urbano para além das paredes do Santuário, atraem um grande número de fiéis e não fiéis que, em paralelo, assistem os shows de artistas devotos e movimentam o comércio local. Aliás, para evitar que o comércio desvirtue o caráter espiritual do evento, a pedido da Igreja, o poder público vem delimitando os espaços para funcionamento do mercado ambulante.

O grande número de registros imagéticos da Romaria Camponovense encontrados na última década se deve em parte à massificação dos smartphones. Os próprios peregrinos recorrem a esta tecnologia ao praticar seus rituais. Além de se fotografarem, partilham imediatamente com seus amigos. A atividade ritual individual é então mediatizada pelo próprio agente e torna-se pública nas redes sociais. Resta saber se esta exibição prima sobre o rito performatizado.

Mas nem todos os participantes da Romaria a veem como festa. Há aqueles que tomam o evento como oportunidade de pagar promessas ou pedir intervenção divina, o que não implica necessariamente em abdicar dos festejos ao cumprir seu objetivo.

2.5 - PEREGRINAR: UMA VIAGEM DE DEVOÇÃO

Peregrino, caminhante, vagamundo, viandante,romeiro, são muitas as denominações dadas a quem percorre longos caminhos munidos de uma forte inspiração religiosa.

Enquanto fato religioso, a peregrinação se caracteriza por pelo menos três traços principais. Ela supõe um lugar considerado santo, para o qual os peregrinos se encaminham. Ela induz o deslocamento: a viagem propriamente dita é efetuada de modo individual ou coletivo, afim de se chegar ao santo e ao lugar sagrado. E por fim, ela leva ao objetivo final que é a busca ou agradecimento por uma graça particular.

Cercada de simbolismo e de espiritualidade, a peregrinação é um exercício purificador, um ritual. O trajeto percorrido é, antes de qualquer coisa, uma provação. Num ato de entrega corporal e espiritual, o romeiro paga promessas e, ao mesmo tempo, expia suas

faltas.

De acordo com Ricardo Luis de Souza, as romarias não se restringem à religião católica. "Encontram-se em todas as tradições religiosas do mundo." Quer tenham uma radiação internacional como Lourdes, Jerusalém, Meca, ou regional, como a de Campos Novos, o fenômeno é em geral similar. Mudam o número de peregrinos e a duração da viagem. (SOUZA, 2013, p. 88).

No entanto, andar não é mais o elemento constitutivo de todas as peregrinações contemporâneas. Apesar de receber vários romeiros que enfrentam caminhadas pelos acostamentos das rodovias para participarem da Romaria de Nossa Senhora Aparecida catarinense, muitos viajam de ônibus, carros e realizam a pé apenas a procissão da Catedral ao Santuário. O que importa é o encontro com o sagrado.

A população peregrina engloba todos os grupos sociais e em alguns pontos assemelham-se aos fiéis habituais. A diferença principal vem da origem dos romeiros que, muitas vezes, se deslocam de outras cidades, juntando-se aos devotos locais.

Segundo dados da ASCOM, a cada nova edição da Romaria, cresce o número de participantes. Durante a semana de festividade, observa-se uma verdadeira transformação demográfica, pois a cidade de 35.710 habitantes chega a triplicar o número de pessoas.²

3 - O SANTUÁRIO ESTADUAL DE NOSSA SENHORA APARECIDA DE CAMPOS NOVOS

3.1 - NOSSA SENHORA APARECIDA - PADROEIRA DO BRASIL

Tudo começou quando pescadores, lá em 1717, foram avisados que o Conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida (governador de São Paulo), iria passar pela localidade onde ficava o Rio Paraíba do Sul, porém seu destino era Minas Gerais, desse modo, os homens deveriam providenciar peixes para o Conde.

Pela manhã bem cedo, três pescadores saíram em direção ao rio levando os barcos e as redes, percorreram uma distância de seis quilômetros entre os portos de José Correia Leite e Itaguaçu, não conseguiram nada. O desespero era grande, não poderiam voltar sem peixe para o Governador. Em determinado momento João Alves, um dos pescadores, lançou a rede e pegou o corpo de uma santa, lançando novamente recolheu sua cabeça. Ele a envolveu em um

² Informações municipais. Disponível em: < <https://www.camposnovos.sc.gov.br>>. Acesso em: 24 agosto 2019.

pano e a guardou em seu barco. A partir daí a rede, a cada içada, trazia uma quantidade enorme de peixes. Com medo de que o barco afundasse com tantos peixes, os pescadores tiveram que parar e ir para casa.³

Chegando à vizinhança contaram as maravilhas que estavam ocorrendo, e a imagem foi guardada por outro pescador, Felipe Pedroso. Durante 15 anos, a casa de Pedroso foi um lugar de peregrinação pelos milagres que se multiplicavam, e o local se tornou pequeno para tantos devotos.

Uma noite calma, quase sem vento, muitas velas estavam acesas diante da pequena imagem, enquanto o povo rezava o terço. De repente as velas se apagaram e depois se acenderam de novo sem que ninguém as tocassem. Isso sucedeu por três vezes. Chamaram o pároco. Esse percebeu que Nossa Senhora queria um lugar maior. Levaram-na para a matriz.

Em 1743, o Bispo do Rio de Janeiro autorizou a construção de um pequeno santuário e o devido culto. Esse também foi se tornando pequeno. No ano de 1888, ano da abolição da escravatura no Brasil, foi inaugurado outro santuário maior, a basílica velha. Por ocasião da visita de João Paulo II ao Brasil, em 4 de julho de 1980, foi solenemente consagrada a atual basílica de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Ao consagrá-la o Papa disse: “Neste lugar, a Virgem, há mais de dois séculos, marcou um encontro singular com a gente brasileira.” (GRANZOTTO, p. 12-3, 2004).



300 anos em 300 fotos imagens contam a história da Padroeira do Brasil, acervo do Centro de Documentação e Memória do Santuário Nacional de Aparecida. Disponível em: <<https://www.a12.com/santuário/noticias/300-anos-em-300-fotos>>. Acesso em: 20 agosto 2019.

³ As imagens marianas no Brasil sempre foram consideradas milagreiras ou medianeiras. Segundo a historiadora Laura de Mello e Souza, este é o caso de Nossa Senhora da Graça, encontrada em 1530, por Caramuru na Bahia, para qual foi erguida uma capela. É também o caso de Nossa Senhora da Vitória, imagem guerreira que teria assegurado triunfos contra índios e franceses ainda na Bahia, e de Nossa Senhora dos Prazeres que teria garantido a vitória sobre holandeses em 1656. SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 116.

HOJE NA HISTÓRIA



12 OUT 1880

Brasil comemora o dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do país

COMPARTILHAR:  

No dia 12 de outubro o Brasil comemora a dia de Nossa Senhora da Santa Conceição Aparecida, nome católico dedicado a Maria, mãe de Jesus de Nazaré. O seu santuário está localizado na cidade de Aparecida (SP), na Basílica de Nossa Senhora Aparecida. O local foi consagrado pelo papa João Paulo II, em julho de 1980. No mesmo ano, o dia 12 de outubro foi decretado feriado nacional. Nossa Senhora Aparecida foi proclamada Rainha do Brasil e Padroeira Oficial em 16 de julho de 1930, por decreto do papa Pio XI, quando foi coroada. A história de Nossa Senhora da Santa Conceição Aparecida tem início em 1717, quando os pescadores Domingos Garcia, Filipe Pedroso e João Alves jogavam suas redes no rio Paraíba do Sul. Depois de muitas tentativas em vão e com fome, já descendo o curso do rio, eles jogaram novamente suas redes e encontraram o corpo de uma estátua com a imagem de Nossa Senhora da Conceição sem a cabeça. Em nova tentativa, apanharam a cabeça da imagem. Envolveram o que encontraram em um lenço. Depois disso, voltaram a pescar e conseguiram captar muitos peixes. Por conta disso, a imagem passou a ser adorada na região de Porto de Itaguaçu. Cada vez mais fiéis procuravam pela imagem e teve início a construção da atual basílica na região que, futuramente seria a cidade de Aparecida, em homenagem à santa. Em 6 de novembro de 1888, a princesa Isabel visitou pela segunda vez a basílica e ofertou, como pagamento de uma promessa, uma coroa de ouro com diamantes e rubis, juntamente com um manto azul. Em 1978, a estátua sofreu um atentado de um jovem transtornado, foi despedaçada, mas acabou restaurada pela artista plástica Maria Helena Chartuni.

Imagem: [Domínio público], via Wikimedia Commons

Disponível em: <<https://br.historyplay.tv/hoje-na-historia/brasil-comemora-o-dia-de-nossa-senhora-aparecida-padroeira-do-pais>>.
Acesso em: 25 de julho 2019.

Desde os anos 1970 a Romaria tem se expandido no Brasil. Em 2017, completou-se 300 anos que os pescadores da região de Aparecida do Norte encontraram a imagem no rio e nesse mesmo ano comemorou-se a 40ª Romaria em honra a Nossa Senhora Aparecida na cidade de Campos Novos, para qual o site ‘G1.com’ estimou cerca de 100 mil devotos, sendo que para a 41ª, que teve lugar em 2018, o mesmo site estimou cerca de 70 mil fiéis. Mesmo que se trate de estimativas, os números não deixam de revelar que a Romaria de Campos Novos é bastante significativa para a região, dado o grande número de participantes.

3.2 - A ROMARIA EM CAMPOS NOVOS: OS PASSOS DE UMA GRANDE CAMINHADA (DE MÃOS DADAS PARA UM GRANDE OBJETIVO)

A ideia de edificar um Santuário em Campos Novos surgiu após a realização de uma missa dedicada à Nossa Senhora Aparecida, em 1977, na qual estavam cerca de 150 devotos. O Padre João Granzotto, responsável pela paróquia, percebendo essa devoção decidiu dar início a uma Romaria e, juntamente com um grupo de fiéis, foi até o Santuário Nacional de Aparecida do Norte - que estava sendo construído - buscar uma réplica da imagem da Santa, no mês de novembro de 1977 (Anexo B).



Arquivo pessoal de Antônio Agostini.

No ano seguinte, iniciou-se a Romaria envolvendo pouco mais de 10.000 pessoas. Um crescimento surpreendente que prenunciava aquilo que se repetiria dali em diante: uma adesão cada vez maior de participantes. A datação da imagem que registra este acontecimento - 1977 - faz com as informações se confundam entre os romeiros mais antigos, mas, cruzando este dado com outros documentos e fotos dando conta de que a imagem da santa só foi buscada em novembro de 77, constata-se que a primeira Romaria ocorreu, de fato, em 1978).



Disponível

em: <https://www.facebook.com/SimpatiaFmNoticias/videos/2044786135538771/?v=2044786135538771>. Acesso em: 15 julho 2019.

3.3 - A CONSTRUÇÃO DO SANTUÁRIO

A esta sua iniciativa de buscar uma réplica da imagem de Nossa Senhora Aparecida, o padre João Granzotto acrescentou ao altar do Santuário mais duas santas: Santa Terezinha (Anexo C),⁴ em relação à qual o padre é fiel devoto e Santa Julia Billiard (Anexo D), tida como responsável pela ocorrência de um milagre no município de Campos Novos, em 1950. Assim, a Santa que concedeu este milagre foi também, juntamente com Santa Terezinha, colocada ao lado de Nossa Senhora Aparecida. As três estão lá até hoje.

Antes mesmo de ser construído o Santuário (Apêndice C) em Campos Novos, a Romaria já havia sido marcada, aconteceria no segundo domingo do mês de outubro de 1978, pois naquela época ainda não havia sido instituída a data como feriado nacional. Somente

⁴Em seu livro, *Os três tesouros do Santuário de Campos Novos -SC* o Padre João Granzotto conta sobre os motivos que o levaram a criar o Santuário, bem como colocar as três Santas no mesmo local. Em suas palavras: “Santa Terezinha do Menino Jesus tem seu lugar no santuário porque se manifestou em mim e dela recebi e recebo muitas graças e pelo modelo de santidade que ela viveu e ensinou os outros a viverem.” (GRANZOTTO, p. 6, 2004).

com a vinda do Papa João Paulo II para a consagração do Santuário Nacional, no ano de 1980, foi decretado feriado nacional.

Muitos foram os esforços para que o Santuário fosse construído a tempo, as coisas não são tão fáceis hoje em dia, e em 1977/78 eram um pouco menos. As 32 pessoas que acompanharam o padre para buscar a imagem da santa, formaram uma comissão e, a partir desse momento, não mediram esforços para que o sonho religioso, que atraía muitos devotos ao município, se tornasse realidade. A igreja ficou pronta em menos de um ano, bem a tempo da Romaria acontecer em 15 de outubro de 1978.



Disponível em: <https://www.facebook.com/SimpatiaFmNoticias/videos/2044786135538771/?v=2044786135538771> . Acesso em 15 de julho de 2019.

Fui buscar informações com um romeiro que esteve nessa construção desde o seu início, não apenas pelo ideal religioso de poder exercer sua fé e a de milhares de devotos em um espaço maior, mas, também devido a sua força física, seu Antônio Agostini foi um dos pioneiros a juntar-se a essa magnífica idealização. Junto a ele estava sua família, sua esposa Maria e seus filhos Marcos e Helena (Apêndice C).

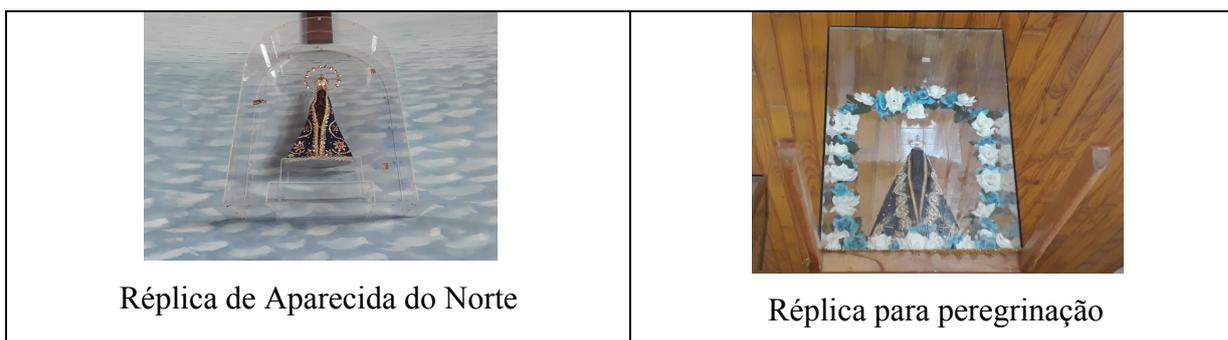
Segundo seu Antônio, muitas pessoas fizeram parte dessa obra. Doações nunca faltaram, fossem para o trabalho braçal, fossem materiais ou até mesmo valores para a edificação do Santuário. Esse sonho, aos poucos, foi sendo edificado, prego por prego, madeira por madeira, de suor em suor as primeiras “feições” foram aparecendo. Atualmente, (além do que é mostrado no Apêndice D) está sendo levantado o Clube do Romeiro – Centro de Evangelização (Apêndice E). O que antes era prego e madeira foi transformado em

cimento e tijolo.

Foram muitas as mãos que ajudaram e ainda são muitas as mãos que ajudam a manter essa grandiosa festa religiosa em pé. O santuário é visitado o ano todo, tanto por curiosos como por pagadores de promessas. Muitos desses últimos chegam a levar ex-votos⁵ (Apêndice F). No entanto, não há local destinado à exposição dos objetos ex-votivos, eles encontram-se provisoriamente guardados em gavetas. Ao lado da imagem da Santa se observa um espaço reservado aos pedidos e, aos seus pés, local para o depósito de cartas ou bilhetes com súplicas e graças (Apêndice G).

Atualmente, o Santuário e seus dois Salões do Romeiro têm capacidade para acomodar aproximadamente 1500 pessoas sentadas. Uma multidão se aloca nos arredores da igreja, outros tantos em pé dentro da própria capela. Foi um sonho iniciado pelo Pe. João e pelos devotos que se juntaram na peregrinação até Aparecida do Norte que rende frutos até o presente momento e se depender dos devotos continuará rendendo por muitos e muitos anos.

A Santa exposta no altar é a réplica que veio de Aparecida do Norte, porém, no dia da romaria – 12 de outubro –, quem sai para a peregrinação com os romeiros, desde a paróquia São João Batista até o Santuário (ver mapa anexo E), e em cima do caminhão dos bombeiros é uma outra réplica. É uma precaução para que não haja acidente com a primeira imagem. Por décadas os devotos carregaram a Santa. A tradição do cortejo se mantém, mas os ventos do progresso e crescimento populacional interferem nos rituais ao conduzi-la pelas ruas da cidade ao alto de um caminhão.



Fonte: Arquivo pessoal

⁵“O ex-voto é a designação erudita onde podem ser enquadrados nossos *milagres e promessas*. São oferendas feitas aos santos de particular devoção ou especialmente indicados por alguém que obteve uma graça ou milagre implorados, como um testemunho público de gratidão. Eram muito utilizados na antigüidade greco-romana. Embora sua origem seja desconhecida, sabe-se que foi difundido por volta do ano 2000 a. C. O ex-voto é colocado em local público ou de acesso coletivo e apresenta uma série de formas testemunhais.” Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=250&Itemid=1> . Acesso em: 30 de julho de 2019.

3.4 LEMBRANÇAS DE SR. ANTÔNIO AGOSTINI E A DONA MARIA AGOSTINI SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA CAMPONOVENSE

A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam.⁶

Seu Antônio e dona Maria Agostini, devotos de Nossa Senhora Aparecida, sempre viveram em Campos Novos. Conhecem seus conterrâneos e os costumes locais. Eles são dois do grupo de 32 que foram com o padre João Granzotto ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte, buscar a réplica da santa para que a Romaria local tivesse início em 1978.

Reconhecem na figura do padre João um "precursor", o "chefe" responsável por formar a comitiva que acompanhariam até o estado de São Paulo. Ao observar algumas fotografias (exposta na p. 21) que registram a benção da réplica de Nossa Senhora, Seu Antônio vai, aos poucos, se lembrando dos companheiros de caravana:

Ah, meu Deus do céu... [...] Sim, tinha a Anita Casagrande, Terezinha Torri, as Colla estavam todas, essa senhora que é cega (apontando para uma fotografia), as Colla estavam em quatro: a dona Sibila, a dona Zelir, a dona Ana que era a mãe e a Else, o Dilon Teixeira, a irmã do Dilon, o Marcos, a Helena, a Suzana, enfim, são esses que eu lembro, ah, o seu... como era o nome do seu... o professor? O Dorvalino com a filha, que eu lembro, mais ou menos, é isso, ah, a dona Helena Trevisol, a irmã da dona Helena, o Valdir Rossi com sua irmã, são esses que eu lembro.

A imagem, que o casal guarda zelosamente, faz com que Seu Antônio puxe os fios da memória. Alguns deles se soltaram da meada, nem todos os nomes foram lembrados, talvez porque as pessoas esquecidas não estivessem no primeiro plano da fotografia, talvez por terem com eles perdido o contato ou simplesmente porque a idade vai fazendo seu "serviço", deixa escapar por entre as tantas vivências suas lembranças mais remotas.

Inesquecível parece ter sido a primeira missa. De posse da imagem abençoada, realizou-se no Bairro Aparecida de Campos Novos. O grande número de participantes, devotos, mas também curiosos para ver de perto a Santa chegada a pouco, prenunciava o que

⁶BOSI, ECLÉA. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 16ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 85.

viria ocorrer nos anos posteriores, procissões em Romaria cada vez mais numerosas:

Ah, sim, foi feita uma missa lá em cima (Bairro Aparecida) e uma pequena procissão, e essa pequena procissão tornou-se bem grande porque naquela época o padre João calculou que tinha 10.000 pessoas e foi uma surpresa para ele mesmo, ele nunca esperava que acontecesse um fato desses, tão grande uma procissão de uma Romaria.

A boa surpresa, a reunião de tantos moradores locais e da vizinhança em peregrinação culminaria na construção do Santuário no município. Por ter participado ativamente dessa obra, Seu Antônio recorda-se de como o povo, organizado em mutirão, colaborou nessa empreitada:

Ah, isso eu sei bem, então na época foi feita a construção, a dona Ana Colla deu dois pinheiros que deram, mais ou menos, 30 dúzias por pinheiro, eram uns enormes, e esses pinheiros foram cerrados e foi iniciada a caixaria, então o padre João convidou nós para fazermos os barracões, esses barracões eram de pau a pique, comprado foi só a cobertura e os pregos, o resto uma amiga nossa que era vizinha nossa, ela tinha um terreno, 400 alqueires de terra, onde ocupava para o gado, e ela vendeu a madeira toda para uma mulher chamada Odete Bresola, que foi uma grande colaboradora, e essa Odete Bresola tinha um prazo de dois anos para retirar a madeira, mas não retirou nem um quarto da parte da madeira, então ela disse pra nós “querem ir lá tirar a madeira pra vocês? Vão.”, então aos domingos a comissão da igreja que era eu e o seu Valdomiro Scapini, o Clavíncio Blanger, o Comerlatto, Mário Duli, o Dorvalino Silvestrin e mais o Nico íamos lá que fica 20km longe daqui, a gente tirava de dois a três caminhões de torras por domingo. O Clavíncio Blanger e o Ivar Comerlatto cerravam essa madeira sem custo nenhum, quando nós tirávamos as tábuas, a madeira nós tirávamos canela, bugre, pinheiro, bracatinga, e a dona Odete Bresola aplainava as tábuas, ela tinha um beneficiamento (lugar que deixava a madeira pronta para o uso), isso sem custo nenhum. Os paus que nós erguíamos para fazer o galpão, o seu Bernardino Cordeiro farquejava, então não tinha custo e o Agenor Almeida era o administrador da construção.” - responde seu Antônio

As personagens dessa história vão sendo retomadas uma a uma, à medida que seu Antônio vai reconstruindo as peças que conceberam aquele evento. O madeiramento doado, que aos poucos foi derrubado, aplainado e “farquejado”, em muito pouco tempo e pelas mãos de mulheres e homens que ofereceram recursos materiais, mas também a força de trabalho, resultaria na construção do primeiro galpão. E logo, de todo o edifício.

Seu Antônio tem consciência do papel desempenhado nessa história, conta orgulhoso que fazia parte da comissão criada pelo Padre para tocar a obra que foi realizada sem custos para Igreja. Não descansaram nem aos domingos até a inauguração.

“Isso, a comissão, nós íamos retirar essa madeira lá aos domingos, um domingo dois davam a carne e dois davam o pão e a bebida, no outro domingo trocava, então não tinha custo, nem a gasolina, nem o óleo, nada custou para a igreja, toda mão de obra era gratuita dos fieis, bem dizer, da comissão, dessa que o padre fala que ajudou ele. Na carneada, na primeira festa depois da inauguração, em 1979, o padre João

arrecadou 70 leitões, foram todos carneados por nós e vendidos todos, fora as galinhas e carne de gado. Carne de gado, na época, nós fazíamos dois mil, três mil espetos e sempre faltou, os espetos de carne eram de 2kg. Era isso, né, “véia”?, e a dona Maria assente com a cabeça.”

Inauguração, aliás, festejada com farta comida, especialmente carnes, que devido ao número de pessoas, logo era consumida. A Romaria, conta Seu Antônio com o aval da esposa Dona Maria, sempre foi acompanhada de comes e bebes. “Tudo ganhado.”, sendo o lucro revertido para a igreja e seu melhoramento, tanto que os primeiros edifícios feitos de madeira, são hoje imensos salões de concreto.

Enquanto os homens preparavam a carne de gado, às mulheres cabiam os cuidados com as galinhas, lembram Seu Antônio e Dona Maria, um preenchendo as lacunas da memória do outro:

“Era a mulherada que era da comissão que se prontificava para limpar as galinhas, fazia num dia... quantas galinhas eram?” - pergunta ao seu Antônio

“Ah, 500, 600...” - responde seu Antônio

“A gente ia no matadouro do seu Scapini...” - Diz a dona Maria

“O Máximo Torri emprestou um matadorzinho que tinha lá...” responde seu Antônio

“Nós fazíamos tudo lá, umas depenavam, outras já limpavam, e outras já passavam...” - Diz a dona Maria

“Eu, o Melzi Gavazzolla éramos os depenadores, era um ex-prefeito, vivo até hoje, um cara que ajudou muito nós, não estava na comissão, só pra carnear, que na época nós tínhamos os festeiros, hoje não usam mais, era quatro, cinco ou seis festeiros, e esses festeiros se dedicavam a ajudar...” - interrompe o seu Antônio. “Assar, limpar, vender, tudo isso eles faziam, então esse Melzi Gavazzolla foi um dos festeiros que foi escolhido.” - comenta seu Antônio

Ao se lembrar da aquisição dos lotes para construção do Santuário, Seu Antônio chama a atenção para um fato que considera interessante, a história de uma mulher, provavelmente abastada, talvez de uma das tradicionais famílias da cidade, que teria doado uma jóia:

Ah, os lotes, tinham dois lotes, e daí como é que vai construir em dois lotes? Nós compramos um de uma mulher chamada dona Maria que eu não lembro o sobrenome, um lote do seu Bernardino e um lote do sapateiro Armando Zancanaro, que é tio do prefeito, e seis lotes do Antoninho Tesser, nove lotes, tinham dois, compramos nove, agora tem 11, se for medir, são 11 lotes que tem lá para o Santuário. Na época aconteceu um fato muito interessante, uma senhora aqui da cidade deu um colar de ouro, 62 gramas, me lembro até hoje que eram 62 gramas e o padre João disse assim para mim “Antoninho, o que que fizemos disso aí agora?” e eu disse “não, para lá”, troquei o colar por um lote com o Antoninho Tesser, uma senhora daqui que deu, é viva até hoje. Então foi mais ou menos assim e o lote está lá.

E acrescenta Dona Maria: “Sobre as doações, o padre João fazia o pedido e o povo doava. (...) A construção do Santuário teve ajuda de muitos fazendeiros do interior. Nas capelas, o padre João ia buscar as arrecadações...”, o que nos leva a pensar não só no poder de

persuasão do Padre João, mas também, na ideia de um povo que estava empenhado em fazer parte dessa história.

Além do Padre João, o casal, Seu Antônio e Dona Maria, lembra-se também de Padre Aquiles e Padre Armando que teriam batalhado para o aumento da edificação. Ressente-se, porém, logo em seguida, de não ter guardado nenhum registro fotográfico do primeiro barracão de pau a pique que haviam erguido:

Depois do padre João, o padre Aquiles, pra mim, foi o maior colaborador, batalhador e sincero, depois o padre Armando, quando fizemos aquele aumento. A pena é que aqueles dois barracões que nós fizemos de pau a pique, acho que não tem fotografia nenhuma, é onde fica o salão do romeiro hoje. Estão os dois feitos de material no mesmo local que nós tínhamos feito os de pau a pique. E a água eu consegui da prefeitura, era a prefeitura que mandava, fui eu que ergui aquela caixa, deve estar lá até hoje, caixa de 10.000 litros. Então o Camargo que era da comissão disse que eu poderia colocar onde eu quisesse, depois eu vi que errei, mas na época parecia certa, porque hoje ficou atrapalhando a circulação dos carros...” responde seu Antônio

Ao narrar que havia instalado a caixa de água em local inadequado, Seu Antônio nos mostra os sinais do crescimento urbano. Na época em que havia "erguido a caixa", o pouco número de automóveis que circulavam pelo município não lhe deixou perceber que, no futuro próximo, o local escolhido atrapalharia o trânsito. Na época, segundo Dona Maria, "imagina, tinha só umas 10, 12 casas...". E complementa Seu Antônio, “Ah, eram bem pouquinhas...”.

Reforçando a participação popular de Campos Novos na construção do Santuário, Seu Antônio vai encerrando seu depoimento:

E assim que foi indo e nós conseguimos fazer sem lucro nenhum, nenhum de nós um tostão, nem gasolina e nem óleo...
O lucro é a fé, mas graças a Deus não botamos fora, fomos recompensados, estamos vivos ainda ajudando em alguma coisa.

Depois de contribuir para que o Santuário fosse construído, Seu Antônio e Dona Maria continuaram trabalhando até, mais ou menos, a 35ª edição da Romaria de Nossa Senhora Aparecida, mas participando de todas até hoje. Acompanharam de perto as transformações ocorridas na cidade e suas interferências nos rituais. Perceberam o maior número de carros que circulam na cidade, que também se expandiu dos anos 1970 aos dias atuais, um número maior de romeiros a cada ano e a interferência desse crescimento na própria celebração. A imagem de Nossa Senhora que a princípio era carregada pelos fiéis, vem sendo, há algum tempo, transportada pelos bombeiros. Assim, do alto do caminhão, o grande número de peregrinos consegue avistá-la e ao mesmo tempo evitam-se os riscos de uma queda:

Mas no início da festa, nas primeiras Romarias, a Santa era carregada pelos fiéis, e eu sempre batalhei para isso, que ficasse com os fiéis, hoje em dia vai os bombeiros, eles que levam a santa em cima do caminhão (responde seu Antônio).

É porque é muita gente, né (diz dona Maria)

Na nossa época... (fala seu Antônio) Era bastante pra nós, mas era bastante porque nós não tínhamos visto uma coisa daquelas, a cidade era pequena. E agora, essa última agora, acho que encheu a cidade inteira, encheu de Romeiro. Então, e agora, como é que vai fazer uma procissão dessa levando a santa, eles podem derrubar e quebrar ela.

Nas primeiras, como nós dois somos ministros, íamos protegendo a santa, junto com os outros, para que a caminhada ocorresse bem, e tinham outras pessoas que ajudavam também, como o falecido seu Moro e o Joanin que foi o primeiro que carregava a cruz. Em 1981 ou 1982 que deu uma chuvarada, fomos até lá embaixo de chuva.” diz a dona Maria

Ao relatarem a passagem da Santa das mãos dos fiéis para o caminhão, deixam transparecer certa nostalgia. Consideravam-se os protetores daquela que é devotada como a protetora do Brasil. Dona Maria conforma-se da Santa ficar protegida, mas seu Antônio, se pudesse, manteria o costume já enraizado em suas lembranças de ser levada pelos Romeiros.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Romaria de Nossa Senhora Aparecida de Campos Novos representa desde seu início, na década de 1970, o evento sócio-cultural mais expressivo da região. Desde então, ele atrai anualmente para o município um grande número de peregrinos, viajantes, pagadores de promessa, curiosos, entre outros participantes, que triplica a população local, movimentando a cidade, o seu comércio e seu cotidiano.

Esse evento religioso constitui a vivência de um povo, que além da devoção, sempre buscou manter unida a comunidade, vivas a fé e as homenagens em favor das graças alcançadas. É lindo estar na frente da paróquia ou do Santuário e presenciar momentos únicos de devotamento, muitos passam e fazem sinal da cruz, outros vão aos pés da Santa para pedir ou agradecer.



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal

É importante salientar que, em princípio, era apenas um trabalho por curiosidade, vontade de saber mais sobre o lugar que escolhi para viver, porém, há reviravoltas que nos levam a

perceber que não foi aleatoriamente escolhida essa temática, encontra-se muitos mais por baixo de uma “linha”, tece-se até chegar a uma rede na qual estava ela, a Virgem se revestindo da cor do povo que mais necessitava e intercedendo por sua salvação. Foi gratificante poder ajudar a remendar um pouco da “rede” que conta a história da Romaria no Celeiro Catarinense.

Este TF procurou registrar a importância simbólica e histórica desse grande evento religioso. Para isso, criei um blog (<https://os-caminhos-da-romaria-em-campos-novos-sc.webnode.com>), aqui apresentado numa primeira versão, enquanto espaço virtual para reunião de um acervo digital relativo à história da Romaria Camponovense. Trata-se de um projeto a ser constantemente aprimorado pela contribuição de interessados na construção dessa memória. Essa pesquisa também resulta dos conhecimentos adquiridos através dos módulos de “suportes narrativos” e “repositórios digitais” que fizeram parte do Curso de Especialização.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARVALHO, Vânia Carneiro de et al. Fotografia e História: ensaio bibliográfico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. v.2 p. 253-300 jan./dez. 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 02 novembro 2018. Disponível em: <<http://agenciaal.alesc.sc.gov.br/>>. Acesso em: 23 junho 2018.

EM CAMPOS NOVOS. **Presidente da Alesc, Romildo Titon, participa de romaria em Campos Novos neste domingo**. Em Campos Novos, Campos Novos – SC, 11 outubro 2014. Disponível em: <<http://emcamposnovos.com.br/>>. Acesso em: 23 junho 2018.

G1 SC. **Milhares de fiéis participam da romaria para Nossa Senhora Aparecida em Campos Novos**. G1.com, Santa Catarina, 12 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/>> . Acesso em: 18 novembro 2018.

GRANZOTTO, Pe. João. **Os três tesouros do Santuário de Campos Novos – SC**. 1ª ed. Campos Novos, 2004.

MAGALHÃES, Tatiani. **Romaria de Aparecida leva milhares de fiéis às ruas em Campos Novos**. Agência AL, Campos Novos – SC, 12 outubro 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/Editora Unesp, 1998.

MARTINS, Antônia Claudete. 40ª Romaria de Nossa Senhora Aparecida em Campos Novos. **O CELEIRO**, Campos Novos – SC, 07 setembro 2017. Disponível em: <<https://jornalceiro.com.br/>>. Acesso em: 23 junho 2018.

NSC TV. **Romaria a Nossa Senhora Aparecida atrai milhares de fiéis a Campos Novos**. G1.com, Santa Catarina, 12 outubro 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/>>. Acesso em: 23 junho 2018.

OLIVEIRA, Rosângela Silva; BITTENCOURT JÚNIOR, Nilton Ferreira. **A fotografia como fonte de pesquisa em História da Educação: usos, dimensão visual e material, níveis e técnicas de análise**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte–(UFRN) e Centro Federal de Educação Tecnológica–(CEFET)-MG, 2011. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/>>. Acesso em: 19 novembro 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **CPDOC/FGV: estudos Históricos, Arte e História**. Rio de Janeiro, nº 30. 2002/2. p. 56-75. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/>>. Acesso em: 20 novembro 2018.

PIRES, Mauro Alves. **A OBRA DE ARTE E A FOTOGRAFIA COMO FONTES HISTÓRICAS**. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal – RN. 2013. Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org/>>. Acesso em: 10 novembro 2018.

SOUZA, Ricardo Luis de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROMARIA 2018



Fonte: Arquivo Pessoal

APÊNDICE B – ROMARIA 2018



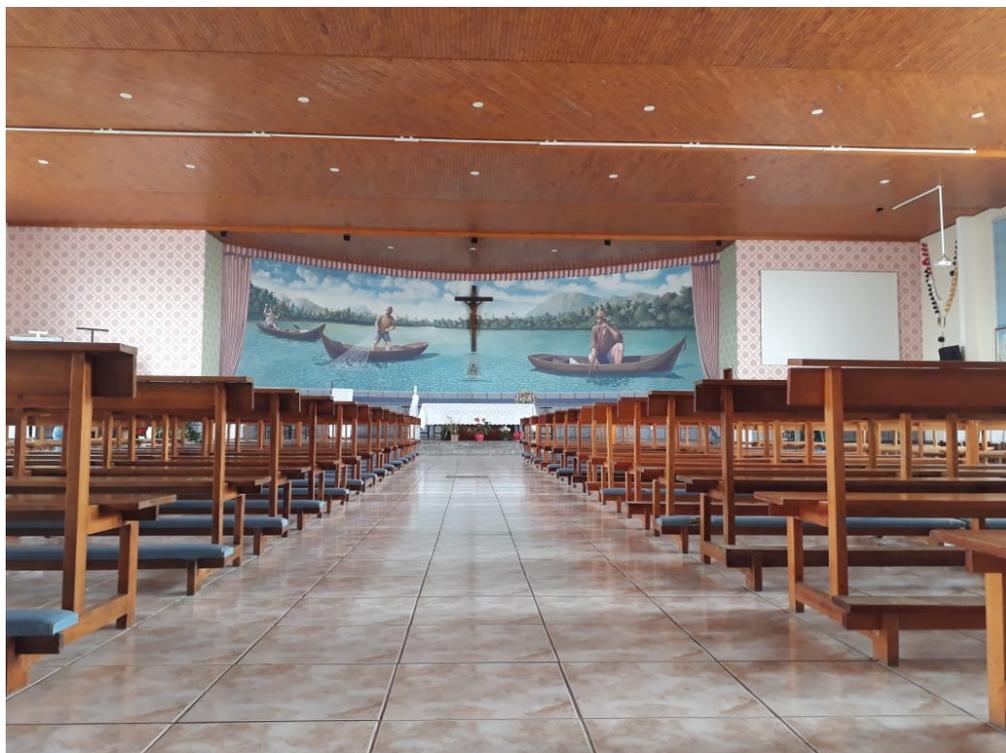
Fonte: Arquivo Pessoal

APÊNDICE C – SEU ANTÔNIO E FAMÍLIA EM APARECIDA DO NORTE – SP



Fonte: Arquivo pessoal de Antônio Agostini (da esquerda para a direita: Seu Antônio, Dona Maria, Helena e a amiga. Seu filho Marcos não está na foto).

APÊNDICE D–SANTUÁRIO POR DENTRO E ANTES DO INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DO CENTRO DE EVANGELIZAÇÃO (CLUBE DO ROMEIRO)



Fonte: arquivo pessoal.



Fonte: arquivo pessoal.

APÊNDICE E – CENTRO DE EVANGELIZAÇÃO (CLUBE DO ROMEIRO)



Fonte: Arquivo pessoal

APÊNDICE F – EX-VOTOS



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal

APÊNDICE G- PEDIDOS E GRAÇAS



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal

ANEXOS

ANEXO A –IMAGEM DA ROMARIA



Fonte: Arquivo Biblioteca Pública Municipal (Campos Novos – SC) sem data especificada.

ANEXO B – VIDA E OBRA DO PADRE JOÃO GRANZOTTO

Pe. João Granzotto

Nasceu em Serafina Corrêa - RS, filho de Rodolfo e Adelina Granzotto. Entrou no seminário de Guaporé em 1949. cursou a filosofia em São Paulo e a teologia em Nova York - USA, onde foi ordenado sacerdote a 6 de junho de 1964. Voltou ao Brasil em janeiro de 1965, indo trabalhar como vigário em Encantado, onde criou o programa radiofônico de uma audiência extraordinária: "A ESPERANÇA QUE ESTÁ EM NÓS". Em 1970 fez um curso de aprofundamento em Roma, Itália. Em 1971 foi nomeado pároco de Anita Garibaldi - SC, onde construiu uma linda gruta de Nossa Senhora de Lourdes e movimentou muito a juventude com os famosos encontros de jovens: "JOVENS DE JESUS". Em 1974 foi nomeado pároco de Campos Novos - SC, onde fundou o movimento de casais "LAREIRA", e a Romaria de Nossa Senhora Aparecida. Fundou, também, o movimento carismático e começou atender as pessoas com doenças psicológicas com as famosas bênçãos. Em 1980 passou a trabalhar como pároco da paróquia de São José Operário em Passo Fundo - RS, onde iniciou a romaria de Nossa Senhora Consoladora, a renovação carismática, o programa radiofônico na Rádio Planalto: "A ESPERANÇA QUE ESTÁ EM NÓS" de cinco minutos diários que durou doze anos. Em 1988 foi transferido para a paróquia de Nova Bassano - RS. Lá criou a romaria do Senhor Bom Jesus, restaurou as pinturas no interior da igreja e criou o movimento da renovação carismática. Hoje mantém um programa diário de cinco minutos nas rádios Aurora de Guaporé e Rosário de Serafina Corrêa e um de dez minutos aos domingos na rádio Cultura de Campos Novos - SC. Em 1996 foi transferido para Guaporé - RS, onde fundou a romaria de Nossa Senhora da Saúde, o movimento carismático. Em 2001, organizou as Santas Missões populares com perto de 700 missionários leigos junto com o Pe. Augustino Sopelsa, em 2002 o Ano Eucarístico, culminando com o II Congresso Eucarístico, em 2003 o Ano do Rosário e em 2004 o Ano da Bíblia. Em 1998 um incêndio destruiu completamente a igreja matriz de Guaporé. Em 9 meses foi reconstruída e reinaugurada.



ANEXO C - SANTA TEREZINHA

A história dessa santa é diferente da primeira aqui mencionada. Terezinha nasceu na França, em Lençon, no dia 7 de janeiro de 1873, seus pais eram muito religiosos. Ela e suas irmãs foram todas religiosas como sua mãe sempre pediu. Terezinha sempre foi muito obediente, bonita e alegre, jamais contava mentiras.

Perdeu sua mãe aos quatro anos de idade, ficou muito triste, tímida e sensível. Sua irmã Paulina entra para o convento, a menina tinha apenas nove anos, cai enferma e quase morre, sendo intercedida por Nossa Senhora e curada.

Terezinha se preparou muito bem para a Primeira Eucaristia. A catequista lhe ensinou a se preparar com penitências. Ela tomou a sério o conselho da catequista. A cada sacrifício que suportava fazia um risquinho em seu caderno.

No dia de sua primeira comunhão ela disse a Jesus “No meu caderno existem trezentos risquinhos, representando os sacrifícios que fiz por você, Jesus.” Jesus se alegrou muito com esse gesto de Terezinha. Inundou-lhe o coração de consolações e gozo espiritual (GRANZOTTO, p. 16-7, 2004).

Aos 15 anos entrou para o convento com o intuito que lhe acompanhava desde criança: ser santa. Foram muitos momentos de provações exercitando-se em todas as virtudes, sumariamente na caridade, tratava as irmãs idosas e doentes com muito amor, não era-lhe uma obrigação, mas, sim, uma escolha de seu amor por Deus.

Sua vontade de ser santa é o que lhe faz continuar diante de muitas limitações impostas, seus desejos e vontades se limitavam aos de Deus. Seu golpe mais duro foi quando seu pai foi acometido por esclerose e morreu em um sanatório mesmo sendo um homem digno e equilibrado. Depois desse caminho árduo, entendeu que o sofrimento é o atalho para a santidade. Após ler sobre a vida de vários santos, sente que sua vocação é o amor.

Em 30 de abril teve sua primeira hematose, regurgita um pedaço de pulmão, nota que sua vida está chegando ao fim, foram vários meses de sofrimento, um dos martírios mais penosos, em dados momentos Nossa Senhora e o próprio Jesus confortam-na. No dia 30 de setembro ascende, tendo sua festa em primeiro de Outubro. “Ela é apresentada com o crucifixo e rosas porque na sua doença ela colocava sobre o crucifixo as rosas que ela recebia. As pétalas dessas rosas curaram muitas doenças a começar pela comunidade dela.” (GRANZOTTO, p. 21, 2004).

No ano de 1927 consagrada santa e padroeira das missões, sempre rezou muito para a conversão das almas e muitas foram convertidas graças as suas preces. O Padre João

Granzotto teve sua manifestação, sua mãe rezou muito para que ele fosse sacerdote, porém nunca lhe impôs essa condição, quem a forçou foi o próprio jovem João que quis entrar para o seminário através de sua devoção por Santa Terezinha do Menino Jesus da qual tem seu apoio até hoje.



Disponível em: <<https://cleofas.com.br/wp-content/uploads/2015/10/santaterezinha4-1.jpg>>. Acessado em: 25 de julho de 2019.

ANEXO D - SANTA JÚLIA BILLIART

Assim como a segunda santa mencionada, Júlia também nasceu na França, porém na cidade de Cuvelly no dia 12 de julho de 1751. Seu nome de batismo foi Maria Antonieta Billiard, sempre gostou de rezar, por isso se acomodava para o ofício ainda pequenina. Sempre absorva aos ensinamentos de Deus na escola e em casa, com oito anos já falava com tamanha destreza que seus colegas a escutavam fascinados.

Padre Dangicourt percebendo o grande amor de Júlia para com Jesus não hesita em conceder-lhe a comunhão antes dos nove anos, coisa inédita naquele tempo. Aos treze anos sofre um duro golpe. Perde um irmão e uma irmã. Não se abala. Pelo contrário, conhecendo a amargura do sofrimento, procura os doentes mais abandonados da cidade, os conforta e lhes fala de Cristo. Encantada com a caridade da menina, a senhora Medale de Sechelles a faz distribuidora de suas esmolas aos pobres. (GRANZOTTO, p. 25, 2004).

Quando chega aos 16 anos, seu pai sofre um roubo em sua loja, precisa vender quase todas as suas terras para quitar dívidas. Júlia não se abala, consola o pai, vai trabalhar na lavoura para ajudá-lo e, de quebra, começa a evangelizar seus colegas de labuta.

Tempos depois, em uma noite tranquila, Júlia conversa com o pai na varanda quando lhe cai aos pés uma pedra, depois ouve um tiro de fuzil, não machuca ninguém, porém a moça se assusta tanto que fica enferma sem poder andar. Durante muito tempo, pessoas vão até ela para procurar conforto. Passam-se os anos e cinco vezes doenças graves quase a levam, intercedida por Deus, é curada.

Durante a Revolução Francesa, ela fica contra o regime e precisa fugir constantemente, implora a Deus que a leve, porém Ele precisava dela entre os homens, com sua negação, ficou muda, entretanto não perdeu sua paz e fervor religioso.

Embora muda, Júlia continua atraindo admiradores e, por causa da sua peregrinação religiosa, continua fugindo de casa em casa. Encantadas com a santidade de Júlia, juntam-se a ela a Condessa Francisca e mais tarde Catarina. As três fazem votos no dia três de fevereiro de 1804, assumindo o compromisso de dedicar-se totalmente à educação da juventude. Passam a chamar-se Irmãs de Nossa Senhora. Ajudadas por Pe. Pavin, elas compõem uma pequena regra. - Atraídas pela santidade de suas companheiras, outras se juntam a elas e assim o Instituto das Irmãs de Nossa Senhora cresce. (GRANZOTTO, p. 28 2004).

Após uma novena ao Sagrado Coração de Jesus é curada de sua paralisia que a atormentou durante 24 anos. Faleceu em 8 de abril de 1816, foi beatificada em 1906 e

declarada santa em 22 de julho de 1969 através de um milagre ocorrido no município de Campos Novos – SC.

O milagre que lhe valeu o título de santa aconteceu em Campos Novos no dia 29 de novembro de 1950. O senhor Otacílio Ribeiro, com 29 anos de idade, foi internado no hospital de Campos Novos em Santa Catarina, Brasil. Esteve às portas da morte. O ventre estava tão inchado que o médico achou por bem uma intervenção cirúrgica imediata. Mal iniciada a cirurgia o médico percebeu que não havia salvação. Um tumor duro, esquisito, de cor avermelhada havia tomado conta de toda a cavidade abdominal. O corte foi logo fechado.

As irmãs de Nossa Senhora, que dirigiam o hospital, iniciaram imediatamente uma novena à Beata Júlia e colocaram sobre o doente uma relíquia da Beata Júlia. No segundo dia de novena o doente sentiu-se curado. O abdômen voltava ao seu estado normal. Não havia mais sinal do tumor. Uma semana depois, o senhor Otacílio voltava a cavalo para casa totalmente curado. Ainda goza de boa saúde e trabalha normalmente. (GRANZOTTO, p. 30-1, 2004).



ANEXO E -MAPA DA ROMARIA



Foto de Rádio 104,9 FM.

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/Radio104FmCamposNovos/photos/a.471167736356718/1239415756198575/?type=3&theater>>.

ANEXO F

A ROMARIA EM IMAGENS

LINHA DO TEMPO

1978 - 1ª Romaria



Fonte: Facebook da Rádio Simpatia FM.

Disponível

em: <https://www.facebook.com/SimpatiaFmNoticias/videos/2044786135538771/?v=2044786135538771>. Acesso em: 15 julho 2019.

Grande lacuna que vai de 1979 até 2009. São 30 anos sem registros disponíveis na internet.

2010 - 33ª Romaria



ASCOM - Prefeitura de Campos Novos

Disponível em:

<<https://www.camposnovos.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/6494/codNoticia/102049>>. Acesso em: 15 julho 2019.

2011 - 34ª Romaria



ASCOM - Prefeitura de Campos Novos

Disponível em:

<<https://www.camposnovos.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/6494/codNoticia/102472>>. Acesso em: 15 julho 2019.

2012 - 35ª Romaria



ASCOM - Prefeitura de Campos Novos

Disponível em:

<<https://www.camposnovos.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/6494/codNoticia/102817>>. Acesso em: 15 julho 2019.

2013 - 36ª Romaria



Fotos Gilson Lopes e Jornal O Celeiro. ASCOM - Prefeitura de Campos Novos

Disponível

em:

<<https://www.camposnovos.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/6494/codNoticia/103303>>. Acesso em: 15 julho 2019.

2014 - 37ª Romaria



Fonte: ASCOM – Prefeitura de Campos Novos

Disponível em:

<<https://www.camposnovos.sc.gov.br/noticias/index/ver/codNoticia/154668/codMapaItem/6494>>. Acesso em: 15 julho 2019.

2015 - 38ª Romaria



ASCOM – Prefeitura de Campos Novos Fotos: Gilson Lopes e Renan Stank



Fonte: ASCOM – Prefeitura de Campos Novos Fotos: Gilson Lopes e Renan Stank. Disponível em: <<https://www.camposnovos.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/6494/codNoticia/333714>>. Acesso em: 15 julho 2019.

2016 - 39ª Romaria



Fonte: Jornal O Celeiro
Disponível em:
<<https://www.camposnovos.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/6494/codNoticia/395129>>. Acesso em: 15 julho 2019.



Fonte: Rádio Simpatia/Divulgação

Disponível em: <<http://www.cacodarosa.com/noticia/12834/romaria-em-campos-novos-reuniu-90-mil-fieis>>. Acesso em: 15 julho 2019.



Fonte: G1 SC. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/10/romarias-de-nossa-senhora-aparecida-reunem-milhares-em-sc.html>>. Acesso em: 15 julho 2019.



Fonte: CBMSC. Créditos: 2º Tenente BM Felipe Daniel da Silva / Comandante do 3º/1ª/2º BBM
1º Tenente Maicon Éder Motelievicz / Resp. pelo Comando do 2º/1ª/9º BBM.
Disponível em: <<https://portal.cbm.sc.gov.br/index.php/sala-de-imprensa/noticias/operacionais/1216-cbm-sc-participa-de-romarias-pelo-estado>>. Acesso em: 15 julho 2019.

2017 - 40ª Romaria



Fonte: Jornal O Celeiro.

Disponível em: <<http://www.jornalceleiro.com.br/2017/10/aparecida-em-fe-40-anos-romaria-de-campos-novos-reune-publico-aproximado-de-65-mil-pessoas/>>. Acesso em: 15 julho 2019.



Fonte: Rádio Cultura

Disponível em: <<http://culturacamposnovos.com.br/noticias/igreja-11/12-10-2017/40a-romaria-ao-santuario-de-nossa-senhora-aparecida-cerca-de-65-mil-fieis-acompanharam-a-procissao-em-campos-novos>>. Acesso em: 15 julho 2019.



Foto: Eduarda Demeneck/NSC TV. G1 SC

Disponível em:

<<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2018/10/12/milhares-de-fieis-participam-da-romaria-para-nossa-senhora-aparecida-em-campos-novos.ghtml>>. Acesso em: 15 julho 2019.



Fonte: Rádio Simpatia FM/Divulgação.

Disponível em: <<http://www.simpatiafm.com.br/novo/2017/10/40a-romaria-em-honra-a-nossa-senhora-aparecida-65-mil-romeiros-prestam-sua-homenagem-em-campos-novos/>>. Acesso em: 15 julho 2019.

2018 41ª Romaria



Fonte: ASCOM Prefeitura de Campos Novos

Disponível em:

<<https://www.camposnovos.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/6494/codNoticia/518849>>. Acesso em: 15 julho 2019.